



Que escola frequentam as crianças de Macedo do Peso?

O Agrupamento de Escolas de Mogadouro em 926 lugar do ranking nacional, num total de 1250

No ano 2004 deixou de funcionar a Escola Primária de Macedo do Peso e Peso. Havia poucos alunos nestas aldeias e cada um era de um ano diferente. Os novos métodos de ensino e estudo, além dos custos ocasionados ao Estado, fez com que todas as crianças, tivessem que ir para a vila, onde está a maior parte do Agrupamento de Escolas de Mogadouro, a única escola pública do concelho.



Sede do Agrupamento de Escolas de Mogadouro

A partir desse ano, as crianças saem de manhãzinha num autocarro. Autocarro que a Câmara paga, ainda que nem sempre se preocupa de averiguar se «o serviço» que contrata, com os impostos que todos nós pagamos, é seguro ou reúne as mínimas condições de «habitabilidade». Por vezes, as portas não encaixam bem, chove dentro ou o vento circula no interior com facilidade, para não falar dos cintos de segurança que não se conhecem, ... As horas de saída, nem sempre são certas. Nas manhãs de inverno os alunos ficam 15, 20, 30 minutos á espera na paragem. Achamos que não basta por parte dos representantes da Câmara Municipal, para justificar estas situações, dizer que é um transporte público e que pouco podem fazer, porque se não temos mal a informação, Mogadouro é um concelho de Portugal, um país da Comunidade Europeia.

Em Macedo do Peso as crianças partem às 8.10 h da aldeia para entrar na escola às 9.00 h. Em percorrer 12 km tardam 50 minutos. Bem-vindos ao progresso e ao século XXI! O retorno, é no mesmo transporte. Saem da escola às 17.30 e chegam à casa quando o

autocarro chegar, tardando o mesmo tempo que de manhã.

O transporte é mau, mas o pior não é isso. A própria escola encontra-se no lugar 926 do ranking nacional, entre um total de 1250 avaliadas no país (ano 2009-10), e entre as piores do nordeste transmontano. O número de alunos que abandona a escola antes do 10º ano é alarmante e os que passam de ano têm notas relativamente baixas.

Em palavras dos membros do Gabinete de Avaliação Educacional (Ministério de Educação) «as provas de aferição visam avaliar o modo como os objectivos e as competências essenciais de cada ciclo estão a ser alcançados pelo sistema de ensino numa determinada escola. Em consequência, os resultados destas provas devem ser relevantes para todos os intervenientes no sistema educativo: alunos, professores, administração, pais, autarcas e cidadãos em geral».

Se em disciplinas como a Matemática, analisamos os resultados da prova de aferição correspondente ao 6º ano, no ano 2010-2011, apenas foi superada pelo 50% dos alunos. De pouco serve dizer que a nível nacional apenas a superou o 58%. Mal de muitos, ... Sem ir mais longe a escola de Freixo de Espada a Cinta, que apresenta condicionantes socioculturais semelhantes a Mogadouro superou a media nacional. De aqui a nossa preocupação pelas gerações futuras de mogadourenses.



Infantário, nas proximidades do Agrupamento

Quando o sistema não funciona, há que analisar em pormenor o que se passa: 1) Será que a metade dos

alunos de um determinado curso é preguiçosa ou pouco inteligente? 2) Será que as crianças das aldeias saem muito cedo de casa e chegam muito tarde, pelo que têm pouco tempo para estudar em casa? 3) Será que são muitos os pais que não tem formação, nem tempo para ajudar a resolver as dificuldades dos seus filhos? 4) Será que os professores não são capazes de incentiva-los para estudar, de entusiasma-los com as suas matérias, de facilitar a compreensão das mesmas? Ou...

Provavelmente os factores que afectam aos nossos filhos são um pouco de tudo. Todos somos responsáveis, os ALUNOS por não perguntar mais aos professores quando não percebem na aula, ainda que se justificam dizendo que alguns não gostam de que os interrompam ou se dedicam apenas a “aclarar” alto (demasiado) e com bom som que devem estar mais concentrados, ser menos inquietos, estudar mais, ser mais educados, etc. Numa situação destas provavelmente o aluno não volta a perguntar.

Também as crianças podiam aproveitar melhor o imenso tempo que passam na escola e «visitar» com mais assiduidade a sala de estudo e a biblioteca. Claro que ao melhor seria necessário que os professores, carinhosamente, os estimularam a fazê-lo, recompensando o esforço dalguma maneira, avaliando positivamente este facto. Esta “ajudinha” poderia compensar a falta de tempo para estudar quando regressam à casa porque, ainda que muitos adultos não o entendam assim, os nossos filhos também tem direito e necessidade de brincar e não apenas com os livros da escola.

Os PAIS também são responsáveis. Mas no informe de avaliação externa do Agrupamento de Escolas de Mogadouro (2009) diz-se que se conhecem as habilitações literárias de 81% dos pais e destes, 78% possui ensino básico, 15%, ensino secundário e apenas 7%, superior. Como é fácil deduzir de cada

100 pais, 78 não podem ajudar a estudar aos seus filhos depois da escola primária, e isso apenas quando as mães têm algum tempo livre para o fazer, depois de trabalhar fora de casa e desenvolver os trabalhos domésticos. É um problema importante que docentes e associações de pais deveriam tratar seriamente, já que apenas assim se melhorará o nível educacional, cultural e profissional dos habitantes do concelho.

Também há que analisar a responsabilidade dos PROFESSORES. Mas, antes gostaria que se respondessem a si próprios esta pergunta: Se o trabalho de um funcionário é satisfazer ao fim do mês a 100 clientes e durante vários meses apenas consegue cumprir com 50, acham que seria promovido ou despedido da empresa?

Na escola é onde estão os profissionais capacitados e contratados para ensinar, pagos pelos pais com os seus impostos, pelo que os pais são, junto com os seus filhos, os clientes da escola. Por isso o colectivo de pais tem coisas que dizer e não deve conformar-se com a «música» de que os filhos são desrespeitosos e malcomportados nas aulas, que há que educa-los em casa, que devem estudar em casa ou que tem que preocupar-se de que façam os trabalhos de casa. Neste caso, se tudo se faz em casa, qual é a função da escola? Isto no futebol tem uma expressão: «Chutar para fora».

Ensinar não é apenas comunicar conhecimentos, também é “polinizar”, estimular e motivar as mentes dos educandos. No mundo de hoje as técnicas de ensino e aprendizagem variaram muito, pelo que é importante actualizar-se continuamente e pôr-se ao dia para aprender a incentivar o interesse das novas gerações de estudantes. De facto, os períodos não lectivos, não são períodos de férias para um professor, é o tempo que o Ministério de Educação considera necessário para isto, as férias como para o resto dos trabalhadores duram cerca de um mês.

EDITORIAL



**Associação Mogadourense
de Pais e Encarregados de
Educação**

OBJECTIVO PRIORITÁRIO
Contribuir para a resolução dos problemas mais
graves do Agrupamento de Escolas de Mogadouro

mais informação: www.facebook.com

O Sussurro

É uma publicação regular da Associação Cultural e Recreativa
de Macedo do Peso, com distribuição gratuita aos sócios.

FICHA TÉCNICA:	Impressão:
Periodicidade: Trimestral	Empresa Diário do Porto
Direcção: Marisa Castro	Tiragem: 200 exemplares
Subdirecção: Maria Neves Castro	Depósito Legal: 315162/10

Pé-no-campo: Ecoturismo

O contacto com a natureza alivia o stress

O Ecoturismo nunca esteve tão na moda. As pessoas que vivem nas cidades e vilas estão a descobrir cada dia o prazer de estar em contacto com a natureza. Aliviam o stress da semana dando um bom e planeado passeio por caminhos que levam a rios e ribeiras, para observar e fotografar pássaros, cogumelos, plantas ou árvores em flor.

Que tal aproveitar a bela e inspiradora estação da «Primavera» para começar a pôr estes caminhos em seus planos de opções de lazer?



Saída para ver as amendoeiras em flor

Não é preciso ir muito longe para isso, em Macedo do Peso no fim de Fevereiro começam a estar as amendoeiras cobertas de flores, depois em Abril chegam as arçanhas e as estevas. Até o mês de Julho sempre há um campo florido bem perto de nós.

Os campos das aldeias mais próximas são uma boa opção para começar a conhecer melhor esta terra, proporcionam belíssimos passeios a pé, ou de bicicleta, ar puro para respirar, sossego para os ouvidos (pode-se «escutar o silêncio», tão difícil nos dias de hoje) e permite fazer lindas fotografias da natureza no seu total esplendor.

Na aldeia de Macedo do Peso há um caminho que leva até o encontro dos rios Sabor e Maças. Desde a Primavera até o final do Verão vão-se formando areais com a descida das águas. As fragas, que no inverno ficam submersas, nesta época do ano vão deixando a sua superfície acima da água e outras ficam completamente fora, plantadas nos areais. Sítios ideais para um banho de sol ou para desfrutar da paz que ali reina. A água é clara e limpa, convidativa a um mergulho refrescante. O seu burburinho é como uma canção de embalar, leva-nos ao relaxamento e ao descanso físico e mental, tão necessários nos dias de hoje.

Passando ao fundo da nossa aldeia, encontra-se o caminho que leva à ribeira. Lugar extremamente agradável para estar, com vegetação fresca e na que a ponte medieval trás uma sensação de volta ao passado. Também aqui se formam areais onde se pode relaxar à sombra das grandes copas dos choupos e nogueiras que ali estão, ou refrescar-se nas águas, rasas ou profundas, como apetecer.

Neste passeio terá a oportunidade de passar um dia inesquecível e testemunhar a vida de uma aldeia do Nordeste Transmontano. Aqui o trânsito não incomoda. Todos os lugares estão perto e as curvas dos caminhos, mais que um inconveniente, ajudam a caminhar devagar observando e registando esplêndidas paisagens.

Junte um grupo de amigos, prepare uma mochila com boa merenda, aproveitando a passagem pelas aldeias, com produtos regionais, feitos à moda tradicional (sem aditivos, nem conservantes); bastante água fresca, das muitas nascentes que se encontram; uns ténis confortáveis, um boné e pé na estrada, ou melhor, **pé no campo** e a desfrutar!

MARIAZINHA CASTRO

ACTIVIDADES PREVISTAS EM MACEDO DO PESO

AGOSTO

Dia 7: Viagem Cultural à cidade de Bragança

8.30 h. Saída de Macedo do Peso (inscrição prévia)

Dia 14: Torneio de Fito (organização a Comissão de Festas)

15.00 h. Inscrição

Dia 15: II Jornada de Jogos e Brinquedos Tradicionais

15.00 h. Reunião dos participantes

Dia 21: Jantar convívio da aldeia (organização a Comissão de Festas)

20.00 h. Café de Macedo do Peso

Dia 24: Festividade de São Bartolomeu

SETEMBRO

Dia 4: II Festa Infantil e Juvenil de Fim de Verão

15.00 h. Reunião dos participantes

OUTUBRO

Dia 2: II Festa dos Produtos de Outono

10.00 h. Missa com ofertório dos produtos

15.00 h. Diversas actividades no Local da Junta de Freguesia

DICIONÁRIO MACEDENSE (II)

Como se indicava no número anterior no nordeste transmontano há algum vocabulário diferente ao do resto do país, em boa medida deve-se à fronteira natural formada pelo Marão, a influencia procedente da Galiza e de Castela-Leão, assim como a língua mirandesa e os inúmeros emigrantes que quando voltam deixam muitas palavras entre os seus conterrâneos.

É por isso que desde a Associação Cultural e Recreativa de Macedo do Peso, com o fim de que não se esqueçam, se decidiu continuar com este pequeno «Dicionário Macedense». Algumas das palavras são coincidentes com o Dicionário Albicastrense, publicado no site da Freguesia de Castelo Branco (Mogadouro) e noutras, o significado aparece nos dicionários oficiais de português, mas o «nosso» significado figura em segunda ou terceira opção, não como a mais frequente.

Abévora = breva

Abia-te: ir depressa, andar rápido.

Aguilhada: Vara com um ferrão na ponta, usava-se para guiar às vacas.

Arçanha: arcã

Arreçanha: arcã

Baraço: corda delgada para atar

Bévora = breva

Breva: É o nome dado aos primeiros figos, aos do São João.

Bulhaca: bugalho, tumor produzido nas árvores pela picadura dalgum insecto. Usam-se no Carnaval para as cacadas.

Cacada: brincadeira carnavalesca, que consiste em deitar um saco de bulhacas pela entrada ou a janela das casas.

Calagoiça: objecto curvo, de corte, específico para roçar silvas e mato.

Canhona: ovelha.

Charcos: poços com águas pouco movimentadas no interior de rios e ribeiros.

Desvagar: retirar os grãos das vagens (feijões, tremoços, lentilhas, garbanços, ...)

Endujar: abanar líquidos.

Engorovinhado: enrugado, engelhado.

Escancarada: porta aberta de par em par.

Escarranchar: ir de cavalo com as pernas abertas.

Espichocar: espetar, picar.

Garbanços: grão-de-bico.

Malina: doença, maleita.

Missagra: dobradiça de porta.

Mondar: retirar as más ervas.

Rabeiras: restos da colheita dos cereais.

Ribanceira: ravina, terreno com muito desnível.

Rumiacos: algas filamentosas, mais ou menos, verdes (*Chlorophyta* ou *Xanthophyta*) que flutuam nas águas pouco movimentadas dos rios.

Seitoura: soitoira.

Soitoira: foice.

CARLA OLIVEIRA, FRANCISCO X. MARTINS,
MARISA CASTRO, NELO MATOS, SÃO SANTOS.



**INFORMÁTICA
&
NOVAS TECNOLOGIAS**

www.ibox.com.pt

Mogadouro / Miranda do Douro

ETNOBOTÂNICA

Plantas medicinais utilizadas em Macedo do Peso (I)

Antigamente os únicos medicamentos conhecidos, que estavam ao alcance das pessoas, eram as plantas. Na actualidade não se recomenda o uso indiscriminado de infusões e chás com plantas, sem consultar previamente ao médico, porque podem interagir negativamente com outros medicamentos que a pessoa esteja a tomar.

HIPERICÃO OU ERVA DE SÃO JOÃO



Hypericum perforatum

Planta de uns 50 cm, terminada em um cimo de flores amarelas, com 5 pétalas e numerosos estames cada. Encontra-se nas margens de caminhos e estradas. Usam-se as flores.

Usou-se para facilitar as digestões, para problemas hepáticos ou para ajudar a menstruar, com as mesmas contra-indicações.

Também se emprega para aliviar os sintomas depressivos, embora não seja aconselhado o seu uso porque pode produzir fadiga, confusão e tonturas, além de que pode interagir negativamente com anti-retrovirais e contraceptivos orais.

Além disto, pode ser usada para cicatrizar feridas. Devem-se lavar duas ou três vezes por dia com flores maceradas durante 5 dias, dentro de álcool de 20 graus.



Foeniculum vulgare

FUNCHO, FOLHO OU ERVA-DOCE

Esta planta de cheiro agradável, porte superior a 1 m, de folhas filamentosas, muito ramificadas e flores pequenas e amarelas teve múltiplas utilizações.

As folhas e caules tenros podem ser consumidos em tortilha ou em sopa ou para aromatizar carnes e peixes.

As raízes cozidas consideram-se diuréticas. Para chá usam-se os frutos secos, que também são amplamente utilizados para temperar as castanhas cozidas. O chá é bom para reduzir gases intestinais, incluindo aos lactentes e crianças na primeira infância, e facilita as digestões.

As folhas e os caules tenros podem-se cozer e consumir em sopas ou tortilhas.



Calamintha sylvestica

NÊVEDA

Esta pequena planta da família das hortelãs, tem muita semelhança com elas, inclusive no cheiro. As folhas opostas, tem forma rombóide e possui muitas flores rosadas ou roxas ao longo dos caules. Os frutinhos permanecem no interior do cálice em grupos de quatro.

Vive perto de muros e em lugares pedregosos.

O chá pode fazer-se de qualquer parte da planta, quer quando está a brotar, quer já madura com flores ou com frutos. É bom para múltiplas aplicações, diz-se que «a nêveda é de todas as flores a que da para abrandar todas as dores».

Para gripes, dores de cabeça, digestões pesadas, dores menstruais ou como fortalecedora do organismo ferve-se em água ou leite e toma-se de 2 a 4 vezes por dia.



Malva sylvestris

MALVA SILVESTRE

Nesta zona de Trás-os-Montes usa-se o nome de malva para se referir aos *Pelargonium* cultivados e para as plantas do género botânico *Malva*, diz-se malva silvestre.

São plantas que podem ultrapassar um metro de altura. Tem folhas arredondadas e grandes flores de cor azulado ou malva, com uma coluna

amarela no interior, formada pelos estames, normalmente separadas umas das outras. Em chá usam-se as folhas e as flores, fervidas em água durante 5 minutos. Toma-se 2 ou 4 vezes por dia, para os rins. Também se pode usar aplicada sobre feridas, irritações da pele e conjuntivite, ainda que neste caso deve aumentar-se a concentração.

As folhas frescas, trituradas ou mastigadas, aplicam-se como cataplasmas sobre feridas ou úlceras da pele como cicatrizante.



Equisetum sp.pl.

O chá dos caules e ramas secos têm propriedades adstringentes e diuréticas, pelo que se recomenda quando há retenção de líquidos. Também ajuda a evitar varizes, fortalece as unhas, dá brilho aos

ERVA CAVALINHA

As cavalinhas são ervas que não possuem flores e podem encontrar-se em lugares húmidos ou perto dos ribeiros. Tem uns caules estéreis verdes, estriados, com muitas ramas delgadas, que nascem em vários níveis, ao redor do caule, e outros caules férteis, sem ramas e que no cimo tem uma pequena pinha com esporos («sementes»). São muito ricas em sílica.

cabelos, auxilia no tratamento de acne juvenil e celulite, reduz a flacidez muscular depois de dietas de emagrecimento e da gravidez.

MARISA CASTRO



CONVERSAS ENTRE a «MALHADA» e o «TARECO»

por Cris Martins



LENDA DO POBREZINHO E O LAVRADOR

Vinha um lavrador da arada, montado no seu burrinho, para sua casa a descansar. No caminho encontrou um pobrezinho, que já mal podia andar. O lavrador desceu-se do seu burrinho e ajudou o pobrezinho a montar.

Levou-o para sua casa, para o agasalhar. Mandou fazer a ceia do melhor que tinha. Mas o pobrezinho não comia...

Mandou fazer a cama com a boa roupa que tinha. Mas o pobrezinho não dormia, lá pelo meio da noite o pobrezinho gemia...

Levantou-se o bom lavrador a ver o que o pobre tinha e encontrou-o pregado numa cruz de prata fina.

«Ó se eu soubesse que Deus em casa tinha, se a ceia era boa, ainda melhor seria!», diz o lavrador.

«Tate, tate, bom lavrador que nem uma falta havia», respondeu o pobre.

«Ó se eu soubesse que Deus em casa tinha, se a cama era boa, ainda melhor seria!», repetia o lavrador
«Tate, tate, bom lavrador e nem uma falta havia – diz o pobre - Três cadeiras estão no Céu, uma para ti, outra para a tua mulher e outra para a tua família, e a tua está ao pé da minha».

E o pobrezinho desapareceu.

M. CAROLINO ALVES

PASSATEMPOS

SUDOKU

					4	1		
5							6	2
						3		4
	5	8		3		9		6
					1		3	
6								
	3			5			1	8
	9			8			2	
		7	6					

Solução aos

passatempos do nº 4

Sopa de letras: cuncos, azedas, meruges, agriões, arrabaças, espargos (horizontal), tomilho, norça (vertical), erva peixeira (diagonal).

Adivinhas: 1. Buraco, 2. Ovo, 3. Sol e 4. Táxi/laço/dança/globo/papel.



Horácio Sá & Irmãos, Lda.

casaultramarina@sapo.pt

SEDE: Av. N. Sr^a do Caminho, 36 * 5200 Mogadouro • Tel. 279 343635

ARMAZÉNS: Av. do Sabor * Tel. 93 9876162/3/4

SAT Serviços de Assistência Técnica • Tel. 279 343 595 * Tlm. 93 9876162

SANTO ISIDRO LAVRADOR

PADROEIRO DE LAVRADORES E AGRICULTORES

Por mediação do papa João XXIII foi nomeado padroeiro dos agricultores, lavradores de todo o mundo católico. Também é considerado padroeiro dos viticultores e dos engenheiros agrícolas, além da cidade de Madrid, na que nasceu.

A tradição diz que nasceu, numa família humilde, o dia 4 de Abril de 1082, festividade de São Isidoro, do que deve derivar o seu nome.



Imagem de Santo Isidro

O seu primeiro trabalho foi de poceiro, profissão na que tinha muita habilidade para encontrar água. Os seus poços e sempre tiveram fama de curativos. Quando tinha 17 anos, o muçulmano Alí-ben-Yusuf cercou a cidade de Madrid. Foram muitos os cristãos que tiveram que fugir e Isidro foi um deles. Refugiou-se na localidade de Torrelaguna, onde casou com Maria Toribia.

Apenas tiveram um filho, já que depois o casal prometeu voto de castidade.

Nessa localidade foi contratado por Iván de Vargas, para que cultivasse as terras que este possuía na margem esquerda do rio Manzanares, onde se situou a «Pradera» de Santo Isidro, lugar no que se celebraram até épocas recentes as festas populares da capital de Espanha, espectacularmente representadas já por Francisco de Goya (1796-1798). Todos os dias, antes de sair para o trabalho e antes de regressar para casa, Isidro entrava a rezar na igreja de Santa Maria (onde se construiu, entre 1883 e 1991, a Sé da Almudena). Com frequência os vizinhos gozavam com ele porque ia tanto à igreja e denunciaram-no ao patrão porque chegava tarde ao campo e se baldava no trabalho.

Ao vê-lo sair da igreja chamou-lhe a atenção e acompanhou-o até o campo para comprovar o atraso nas lavouras. Quando lá chegou ficou assombrado porque viu os bois arando sozinhos na parte que lhe correspondia lavrar a Isidro (outras narrações indicam que viu dois anjos lavrando). Em qualquer caso, compreendeu assim que isto era um prodígio do Céu, respeitou a religiosidade do seu empregado e manteve com ele uma relação muito afectiva, chegando a fazê-lo padrinho duma das suas filhas. Afilhada à que Isidro, segundo conta a história, anos mais tarde salvou de morrer durante uma grave doença.

O primeiro milagre, e possivelmente o mais portentoso, do santo ocorreu quando fez que as águas

dum profundo poço subirem até a superfície, para salvar ao seu próprio filho que caíra no interior.

Junto com a sua mulher Maria, a diário derramavam caridade com os mais necessitados e cada ano organizava uma grande comida onde convidavam aos mais pobres. Conta-se que uma vez o número de presentes superou o previsto e à vista de que a comida não ia chegar nem para a metade dos presentes, Isidro meteu a concha na panela e a comida multiplicou-se milagrosamente, até sobrar. Ainda hoje se conhece a esta maneira de alimentar aos mais necessitados como dar-lhes a “Olla de San Isidro” (dar a panela de Santo Isidro).

Era um grande amante dos animais. Há uma lenda que refere como um dia de inverno, em quanto ia para o moinho sentiu compaixão pelos passarinhos que no meio da neve não tinham alimento e estavam a ponto de morrer, pelo que limpou um bocado de terra, abriu o saco e deu-lhes a metade do grão. Mas, o espantoso é que quando chegou ao moinho o saco estava tão cheio como antes.

Isidro, faleceu em «cheiro de santidade» o 30 de Novembro de 1172, e foi sepultado no cemitério da paróquia de Santo André. Quarenta anos depois (1212) unha trovada descobriu o seu corpo incorrupto, momento no que os habitantes de Madrid começaram a venerá-lo como santo.



Catedral da Almudena, Madrid

A história conta que quando o rei Felipe II de Portugal (1618) chegou gravemente doente a Toledo (Espanha), procedente de Lisboa, foi-lhe levado o corpo de Santo Isidro para o aliviar e que o rei curou milagrosamente.

Em 1619 teve lugar sua beatificação e o 12 de Março de 1622 foi canonizado pelo papa Gregório XV como Santo Isidro Lavrador. Mais tarde, também foram canonizados sua mulher, como Santa Maria da Cabeça (padroeira da cidade de Madrid), e seu filho, como Santo Ilhão.

MARISA CASTRO



Lenda do «GATO ENCANTADO»



Serrinha do Gato e monte Zamborinho

Entre as aldeias de Macedo do Peso e Peso, a poente de Macedo, há dois montes, o mais alto, que tem forma de trapézio, conhecido como Zamborinho, e outro algo mais pequeno e agudo, ao que se lhe conhece como Serrinha do Gato.

Contam os mais velhos do lugar que se lhe deu esse nome porque antigamente vivia ali um gato encantado, um gato de ouro, que vigiava um tesouro que estava enterrado nele. Durante o dia o gato não era visível, porque se convertia em pedra. E, de facto havia uma grande fraga que tinha um gato desenhado, no que ao parecer se transformava durante o dia.

Infelizmente a presença de um homem avaro que, segundo se comenta, apareceu um dia pela aldeia quis desenterrar o tesouro. Este homem chegou-se ao alto do monte, procurou a fraga com a figura do gato

e, pensando que era ali onde estava a porta que conduzia à câmara na que se ocultava o ouro, partiu e estragou esta fraga. O homem nunca achou nada e teve que desistir.

O desenho do gato já não é perceptível na pedra, mas ainda há pessoas vivas que afirmam ter visto e ouvido, há poucos anos, na noite de São João, um gato dourado correndo pelo monte.

Claro que se é possível ver algum destes seres subterrâneos tem que ser forçosamente na noite do solstício de Verão, o 23 de Junho, que é quando saem a passear os entes mágicos. Pois apenas se deixam ver por pessoas de lei, por isso não surpreende que sejamos muitos os que não conseguimos ter a visão deste Gato Encantado.

recolhida por MARISA CASTRO

JOGO TRADICIONAL O «DICUTIM-DICUTÉ»

Para 2 jogadores

Objectivo: Acertar o número de dedos postos de pé pelo adversário no menor número de tentativas possíveis.

MODO DE JOGAR:

Um jogador senta-se e o outro põe-se á sua frente de joelhos, com o resto do corpo deitado nas pernas do primeiro de modo a não ver o que se passa por de trás de suas costas.

O primeiro põe as 2 mãos sobre as costas do segundo e recita a seguinte lenga-lenga: «*Dicutim-dicuté, de la barca de labé, adivinha machaqué, quantos dedos estão em pé*».

(E põe um certo número de dedos, a sua escolha, em pé e espera a que o outro responda).

O segundo jogador responde conforme for o seu palpite.

Se acertar, ganha e os jogadores trocam de posições.

Se errar, o primeiro responderá com a seguinte lenga-lenga: «*disseras (e diz o número de dedos que colocara em pé), nem perdias, nem ganhavas, nem levavas as pancadas, dicutim-dicuté, de la barca de labé, adivinha machaqué, quantos dedos estão em pé* » (e continuam assim até acertar).

MARIAZINHA CASTRO

ACTIVIDADES REALIZADAS EM MACEDO DO PESO

Maio, Junho e Julho

Este trimestre foi muito calmo na aldeia, depois das actividades da Semana Santa, com a comemoração da entrada de Jesus em Jerusalém, por parte das crianças e alguns adultos durante o Domingo de Ramos e a projecção do filme «Os capitães de Abril» no dia 25 de Junho, depois duma longa noite de festa organizada pela Comissão de Festas no fim-de-semana da Páscoa, os macedenses tiveram pouco actividade festiva.

Ainda assim, o 14 de Maio celebrou-se a festividade de Santo Isidro Lavrador. Pela manhã com uma missa cantada pelo P.e Virgílio Marques e o coro habitual da aldeia e, de noite, houve bailarico na Praça, amenizado até a meia-noite.

O mes de Junho passou com escassa actividade, apenas em Julho, com os primeiros calores a gente teve gana de festa.

No domingo dia 17, de manhãzinha, realizou-se uma «Trilha Tradicional dos Tremoços» nas Eiras da Igreja. E pela tarde, no centro da aldeia, desenvolveu-se um «Torneio Juvenil de Malha», organizado pelo sócio Nelson Correia e no que participaram as crianças de Macedo do Peso e algum dos seus amigos, além dalguns adultos.



Trilha de Tremoços

E, no último fim-de-semana de Julho vários sócios aceitaram o convite para participar numa jornada de confraternização com a Associação Cultural, Recreativa e Ambiental de São Julião de Palácios (concelho de Bragança), que desde há anos realizam uma ceifa e uma malha de cereal à moda tradicional com a participação de numerosas pessoas. As fotografias e a narração desta actividade serão comentadas no próximo Sussurro.

A DIRECÇÃO

BRINQUEDO TRADICIONAL

SUBIOTE DE BOLOTA (I)



São muitas as formas, e muitas as plantas, que usavam as crianças das aldeias para fazer apitos. Esta é uma delas:

Retira-se a 'capota' de uma bolota, em preferência de carrasco, põe-se entre dois dedos, indicador e médio, com o buraco para cima e fecha-se a mão. Encosta-se o lábio inferior com firmeza na borda da 'capota' e sopra-se. Reproduz o som de um apito.

MARIAZINHA CASTRO



**PARA EVITAR
QUE A SUA CHAMINÉ
SE INCENDEIE**

**FAÇA UMA LIMPEZA
POR ANO**

**Nelson Correia
936 688 259
Macedo do Peso**

**SEMPRE POUPARÁ
DINHEIRO**



opal

Opal Publicidade S.A.
Porto Ed. Aviz · Av. da Boavista, 3523 - 1º - 4100 - 139 Porto
Tel.: +351 22 207 36 60 · Fax: +351 22 205 62 23
E-mail: geral@opalpublicidade.pt

Lisboa Rua Nova Stella, 11 - 2760 - 087 Caxias
Tel.: +351 21 440 67 60 / 61 · Fax: +351 21 440 67 69
www.opalpublicidade.pt

representa o ter que tratar com toda aquela gente miúda. De antigo é conhecida a perícia do Sr. Pacheco e assim temos que limitar-nos a recomendar aos nossos leitores que visitem a sua nova exposição de fotografia artística”.

O trabalho no estúdio cresce progressivamente, não só no que se refere à “fotografia de estúdio”, mas também no realizado no exterior, em muitos dos casos destinado aos meios de comunicação. Pacheco, e por Pacheco já não há que compreender só o seu trabalho individual, senão também o trabalho realizado por todos os empregados do estúdio, foi correspondente do «Faro do Vigo», «El Pueblo Gallego», «ABC», «Blanco y Negro», «Cifra», «Marca», colaborou, também, com «Vida Gallega» e com P.P.K.O. editor de «Vigo a través de un siglo» (1922) e «Vigo 1927», sendo da autoria do Pacheco a maioria das fotografias publicadas nestes dois livros fundamentais à hora de se fazer uma ideia de como foi a cidade.

Jaime Pacheco encarregara-se fundamentalmente do trabalho de estúdio, mais considerado socialmente que o realizado no exterior, sendo muito renitente a introduzir os focos de luz artificial. Ilumina com luz natural controlada com os inumeráveis cortinados de que se dispunha nos estúdios tradicionais. Do trabalho realizado no exterior encarrega-se, durante as décadas dos vinte e trinta, o seu sobrinho Horácio, que chegara a Vigo, procedente também de Portugal no ano 1915, aos quinze anos. Será, pelo tanto, o autor da maior parte das fotografias realizadas na rua durante esses anos.

Fotografará desde as diversas ruas e edifícios modernistas da cidade até a vida política nos tempos da República e da Guerra Civil. Com a sua câmara foi às Ilhas Cies ou subiu ao avião «Marabú» que o Marquês de Quintanar trouxera a Vigo (1927) para fotografar a cidade desde o ar, tendo que aterrar em baixa-mar na praia de Panxón.

Depois da Guerra Civil realizará grande parte da fotografia tomada fora da galeria, Jaime Pacheco, filho, que durante a sua permanência na guerra, fizera diversas reportagens como membro do gabinete fotográfico de «El Cuerpo del Ejército de Galicia», grupo ao que também pertenciam: Xosé Lombardía (A Coruña), Xosé Longueira (A Coruña), Faustino Rodríguez (Monforte), Mario Blanco (A Estrada) e Anxel Llanos (Vigo) que fotografou toda a campanha da frente até entrar em Valência.

Devido ao grande auge que atingiu o estúdio, foram muitas as pessoas que trabalharam nele. Muitas, uma vez que aprenderam o ofício, estabeleceram-se pela sua conta. Cumpre lembrar em especial a Emilio Nogueira, a César, irmão de Horácio, que com o tempo se estabeleceu em Monforte, a Sanlés e já posteriormente a Amoedo que trabalhará no estúdio desde o ano 1944 até 1969, em que se estabelecerá por conta própria.

[vem da última página]

O trabalho do estúdio Pacheco não só se limitou à cidade de Vigo, mas também fez reportagens fora da cidade, como a realizada na romaria da Virgem da Franqueira. Amoedo, ainda hoje, recorda que para algumas deslocações tinham que sair de véspera, como aquele casamento que foram fotografar nas Neves quando havia um metro de neve.

No ano 1954, aos setenta e seis anos, morre Jaime Pacheco, ficando à frente do estúdio os seus filhos Alberte e Jaime; este morrerá no ano 1981. Na actualidade o estúdio, sem o esplendor que tivera em tempos passados, leva-o Alberto e Susi, filha de Jaime.

Os fundos do arquivo Pacheco são amplíssimos tanto no que se refere a trabalho de estúdio como de reportagens. Dentro do conjunto dos retratos de estúdio estão personalidades como Castela ou Maside; todas as pessoas que foram relevantes ou célebres na vida da cidade como: Xosé Moure (P.P.K.O.) ou Monsenhor Alvarez Martínez (O Reisiño) assíduo das habituais tertúlias que se organizavam no próprio estúdio; retratos individuais ou de grupo de uma infinidade de vigueses. E impossível encontrar uma família, não recém-chegada à cidade, que não tenha na sua casa fotografias feitas por Pacheco.

Formam parte do arquivo não só os acontecimentos excepcionais, mas também imagens pertencentes a vida diária, que são as que verdadeiramente definem a evolução da sociedade. Aparece reflectido tanto o trabalho industrial de princípios de século como o desenvolvimento dos anos sessenta. São inumeráveis as placas dedicadas ao Berbés e ao mundo da pesca em geral.

Contém, mesmo assim, toda a vida política das diferentes etapas, merecendo especial interesse as reportagens, já citadas, da República e da Guerra Civil; a vida social da cidade ficará reflectida através das diferentes modas e costumes, podemos ver o baile de «Las Cabanas» ou as «misses» das distintas sociedades viguesas. Duma forma especial podemos citar o mundo desportivo, estando registados tanto jantares dos desportos que em cada época se praticaram, como retratos em estúdio dos desportistas. Assim, podem-se ver as equipas de futebol Fortuna (fundado em 1907 com campo em Bouzas) e Vigo (com campo em Coia) que, depois da sua fusão no ano 1923, constituíram o Celta.

Algumas das fotografias mostram-nos lugares que deixaram de existir há muito tempo, fazendo-nos reflectir sobre a sua perda. Poderíamos citar muitos edifícios modernistas ou estabelecimentos, como o Café Colón ou o Hotel Moderno. Em definitiva, podemos dizer que o arquivo Pacheco contém um século da história da cidade de Vigo.

GERALDO DAS AIRAS

(revisão do português F.X.Martins)

UMA GERAÇÃO DE FOTÓGRAFOS TRANSMONTANOS NA GALIZA OS PACHECO

No ano 1870 chega a Vigo formando parte duma companhia de arte dramática, o italiano Felipe Prósperi Cortechi. Uma vez nesta cidade viria a deixar o teatro para se estabelecer na rua Sombrereros, não voltando a actuar a não ser em sessões para aficionados, com fins benéficos ou contribuindo para festejos locais.

No ano 1884 vai para a rua do Príncipe, nº 31, na que hoje, mais de cem anos depois, segue aberto o estúdio fotográfico. Em 1899 morre Felipe Prósperi, passando a dirigir a galeria fotográfica sua mulher, associando-se no ano 1907 com Jaime Pacheco e passando a chamar-se «Galería Pacheco y Vda. de Prósperi». No ano 1915 quando esta morre passa a ser propriedade exclusiva de Jaime Pacheco.



Jaime de Sousa Guedes Pacheco nascera em Freixo de Espada a Cinta e formara-se como fotógrafo no estúdio que em Ourense tinha o seu irmão José. Estúdio que ainda sobrevive na actualidade dirigido pelo seu filho Augusto.

Outro dos seus filhos, José, estabeleceu-se

posteriormente na Coruña.

No ano 1899, Jaime associa-se com José Gil e, durante este tempo, o seu irmão José publica, de forma continuada na 1ª página do «Eco» de Ourense, um anúncio aclarando que não tem nenhuma relação com o estabelecimento montado pelo seu «ex-aprendi». A associação Gil - Pacheco durará poucos meses. José Gil estabelece-se independentemente no ano 1900 e Jaime volta a trabalhar com o seu irmão José.

Nos anos compreendidos entre 1900 e 1905 não só se dedica à fotografia senão que entra no mundo do cinema, viajando primeiro por diversas vilas galegas e mais tarde por Portugal. Começava a ter êxito o maravilhoso invento do cinematógrafo e como os seus inventores Augusto e Luís Lumière eram proprietários duma grande fábrica de placas fotográficas; ao inventarem o Cinema dirigiram-se a todos os seus clientes oferecendo-lhes o seu invento. Não aceitou o seu irmão nos primeiros momentos... Por fim José Pacheco e Francisco A. de Novoa acordam comprar um Cinematógrafo. Quando tudo estava arranjado depararam-se com a falta de luz eléctrica decidindo trazer um grupo electrógeno de Paris... Como Ourense era pequeno para explorar este negócio fez algumas saídas a Verin, Chaves... e olhando que os povos pequenos não eram rentáveis, pensou em

considera-lo mais a sério e fazer as primeiras exposições em cidades mais grandes: Braga, Figueira da Foz, Porto, Lisboa, Évora... “Estes cinco anos passados em Portugal foram muito úteis para mim pois orientaram a minha educação estética e espiritual”.

Mas, depois desta experiência nos anos 1905 e 1906 na casa do seu irmão em Ourense, como a sua mentalidade e ambições eram muito diferentes com as do irmão, consideravelmente mais velho, sentiu a necessidade de ser independente. “O meu irmão com costumes antigos não me proporcionava atractivos para os meus entusiasmos nem meios onde desenvolver a minha vida inquieta. Tinha grandes desejos de trabalhar e em Ourense não encontrava nada agradável ao meu espírito”, diria mais adiante.

A sua incorporação à galeria da viúva de Prósperi levou a uma transformação do estúdio, imprimindo-lhe um dinamismo que não tinha, devido à avançada idade de Cândida Otero. A actividade e inovações do estúdio ficaram reflectidas na imprensa local. Assim, o «Faro de Vigo» do 5 de Abril de 1915 publicava em primeira página, sob o título «Fotografias Artísticas»: “Ao rematar a colocação dos novos escaparates com que Dom Jaime Pacheco (antes Pacheco y Vda. de Prósperi) enfeitou o vestíbulo do seu acreditado estabelecimento de fotografia pôde-se ver neles uma colecção de retratos que são, sem dúvida alguma, o mais notável que em Vigo se tem admirado. Tanto pela beleza desses trabalhos como pela perfeição com que estão executados, não duvidamos em afirmar que as fotografias expostas pelo senhor Pacheco podiam levar ao seu pé o carimbo do melhor artista do seu género”.



Entre essas fotografias há grupos muito numerosos nas que todas as figuras têm merecido igual atenção para o autor de tão delicado trabalho. Há também uma colecção de fotografias infantis na sua maioria com trajes de Entrudo, formando verdadeiras comparsas, que semelha incrível que pudera o senhor Pacheco vencer com tanto sucesso tantas dificuldades como

[continua na página anterior]